



## **POR UMA ÉTICA ESTOICA DO APERFEIÇOAMENTO MORAL INDIVIDUAL EM DIREÇÃO AO COMPROMETIMENTO SOCIAL**

Por Fernando Fontoura<sup>1</sup>

O caminho da tese é 1) apresentar a ética estoica como uma alternativa à uma ética das virtudes; 2) apresentar a ética estoica a partir de um problema ético: o aperfeiçoamento moral individual e a relação com os atos adequados sociais ou a consideração consigo mesmo e a consideração com os outros; 3) nesta problemática, desenvolver os conceitos da ética estoica de forma a delinear a questão e as relações entre os conceitos: *προαίρεσις* (*proaïresis*) e *καθήκοντα* (*kathēkonta*); 4) considerar a *proaïresis* enquanto desenvolvimento da personalidade moral e *kathēkonta* enquanto atos adequados sociais; 5) integrar esses conceitos éticos da ética estoica para oferecer uma ética das virtudes fundamentalmente diferente da ética aristotélica. Como recurso nesta caminhada teremos, em primeiro lugar, três visões mais gerais, sendo 1) uma noção geral da ética estoica; 2) a controversa divisão da ética estoica: *κατορθώματα* (*kathorthōmata*) e *καθήκοντα* (*kathēkonta*), sendo a primeira o ideal ético atingido somente pelo sábio e a segunda uma ética ordinária, das pessoas comuns, sendo essa segunda onde se estabelecerá o horizonte de nossa pesquisa; 3) e, forma geral, a noção de valor no estoicismo. O ponto de chegada desta caminhada tem três objetivos específicos, sendo 1) ampliar a visão ou percepção restrita da ética estoica, tanto academicamente quanto na visão “popular”; 2) mostrar que a ética estoica traz

---

<sup>1</sup> Este resumo refere-se à tese defendida pelo autor em agosto de 2021. O autor é doutor em filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), graduado em filosofia pelo Instituto de Desenvolvimento Cristão de Porto Alegre (IDC Faculdade). É membro do Grupo do Pórtico de Epicteto e também membro do Comitê Brasileiro Pierre de Coubertin (CBPC) e participa do Grupo de Pesquisas em Estudos Olímpicos na PUC-RS na linha da Filosofia do Esporte. É terapeuta Filósofo Clínico e professor dos cursos de formação em Filosofia Clínica pela Epoché Filosofia Clínica e Casa da Filosofia Clínica/Porto Alegre.

características além ou diferentes da ética aristotélica fundamentalmente na questão de não ser apenas particularista, mas transcendente (porém, também diferente de Platão); 3) colocar a ética estoica como uma alternativa às discussões sobre ética das virtudes na atualidade e na discussão frente a outras alternativas éticas, seja deontológica, consequencialista ou suas variantes, nas questões atuais.

Para tanto, a tese fundamentou-se em dois termos da ética estoica de dois filósofos do novo estoicismo ou do estoicismo romano. Um trata de uma avaliação de bens e valores que leva em conta o par bem/mal em relação à nossa natureza humana individual e essa avaliação é independente das relações exteriores. Essa é a ética da *proaïresis* (προαίρεσις) em Epicteto. Já a segunda é uma avaliação de bens e valores que leva em conta a natureza específica de cada animal (no caso da ética, a natureza humana) conectada à natureza das relações que esse animal estabelece em sua vida, sejam relações naturais como pai, mãe ou filho ou adquiridas, como político ou trabalhador, i.é., relações exteriores às quais a ética da *proaïresis* não leva em conta. É a ética dos *kathēkonta* (καθήκοντα) de Hiérocles.

Essas éticas, levadas a termo, parecem incompatíveis e irreconciliáveis em um primeiro momento, pois uma desenvolve um caminho ético individual com total afastamento daquilo que é exterior ao indivíduo enquanto a outra se desenvolve em relação às coisas que são exteriores ao indivíduo e aí se fundamenta. Como duas éticas tão diferentes estão associadas à mesma escola filosófica? A tese fará uma integração entre essas duas éticas para mostrar a relação intrínseca do aperfeiçoamento ético individual em direção ao comprometimento social no estoicismo.

Após a divisão da ética estoica em *kathēkonta* e *katorthōmata*, sendo que nossa pesquisa vai estar no âmbito da primeira, definimos de forma mais específica os termos fundamentais de nossa tese, sendo *proaïresis* e *kathēkonta*. Então, é dentro do horizonte do ser humano comum e ordinário – ou seja, todos nós – que a integralização entre *proaïresis* e *kathēkonta* se efetivará, ou seja, entre o *eu que age* e os *atos adequados sociais* desse *eu*.

Para falarmos dos *atos adequados* enquanto *sociais*, usamos da figura dos círculos concêntricos de Hiérocles, filósofo estoico na primeira metade do século II d.C., um

neo-estoico ou estoico romano, em seu tratado *Sobre os Atos Adequados*<sup>2</sup>. Esse tratado é uma ode às relações: com os deuses, com a pátria, com a esposa, com os filhos, com os parentes e muitas outras. “Pois não há nada tão pesado entre as coisas reais que não seja fácil de suportar para um marido e uma mulher que pensam da mesma forma e estão dispostos a suportar juntos”, escreve Hiérocles, dando o tom, nesta citação, de todo o tratado: como relacionar-se adequadamente com cada comprometimento social que temos. Como que dando uma síntese da ideia desse escrito, Hiérocles traz a imagem de círculos concêntricos (nove círculos), um dentro do outro, sendo o menor e o central deles aquele em que o eu se situa, e o círculo mais distante o da humanidade como um todo. A partir disso ele define também um objetivo ético: ter uma postura de abertura do eu para que até do último círculo aos mais próximos se estabeleça a mesma força ética ou de afinidade como com aquele círculo logo mais próximo desse eu, i.é., filhos ou familiares<sup>3</sup>. Portanto, de forma geral, consideramos os *kathēkonta* enquanto *atos adequados sociais*.

<sup>2</sup> Não está explicitamente assim escrito o título do tratado. Aliás, não há título e começa assim o tratado, em seu cabeçalho: Ἱεροκλέους ἐκ τοῦ τρόπου θεοῖς χρηστέον ou “a maneira [τρόπον] correta ou útil [χρηστέον] de tratar [sobre] os deuses”, que alguns traduzem por *How should one behave toward the gods* (Como deveria alguém comportar-se em direção aos deuses, Ilaria Ramelli). Está, portanto, pressuposto o conceito de atos ou comportamentos adequados dentro do termo *khrestēon* que, dentro de suas acepções, está fazer uso, usar, necessário, tratar (para pessoas). Daí o termo *kathēkonta* (καθήκοντα). Ilaria Ramelli dá o título desse tratado de Hiérocles de *Sobre os Atos Apropriados* (*On Appropriate Acts*). O termo *kathēkonta* que aparece no corpo do tratado, e ela traduz no mais das vezes por dever (*duty*) deixando o termo apropriado para *oikeion* (οἰκεῖον).

<sup>3</sup> Jiangxia Yu em artigo *The moral development in Stoic oikeiōsis and Wang Yangming's 'wan wu yi ti'*, escreve, “Como contrapartida, alguns estudiosos, como Tu Wei-ming, também tentam interpretar a doutrina confucionista de formar um corpo usando ‘círculos concêntricos’. Ele insiste que, no pensamento confucionista, o *eu* é um centro de relacionamentos, e a ampliação do *eu* pode ser vista como uma série de círculos concêntricos constantemente ampliados que simbolizam a sensibilidade inabalável da mente de abraçar o Céu, a Terra e as inúmeras coisas; nesse processo, o tratamento adequado para com os outros fornece um instrumento para o autocultivo”. Neste artigo ele vai argumentar que “[...] embora tanto *oikeiōsis* estoico (‘apropriação’) quanto ‘*wan wu yi ti*’ de Wang (‘formar um corpo’) possam gerar uma preocupação que se estende a toda a humanidade, mas com ideias diferentes sobre consideração consigo mesmo [*selfhood*] e consideração com outro [*self-other*], eles são de processos morais de desenvolvimento muito diferentes, com diferentes pontos de partida e bases”, p. 150-151. Nossa atenção nesta pesquisa não é sobre a *oikeiōsis*, embora ela seja “separada” dos *kathēkonta* somente de forma analítica-didática. De forma resumida e muito simplificada, o processo da *oikeiōsis*, em diferentes níveis em diferentes períodos da vida do indivíduo, gerará impulsos (*hormai*) de autopreservação que irão se expandir sistematicamente durante esse processo guiando o indivíduo em direção às *ações adequadas* (*kathēkonta*). E essas ações não serão apenas mais em relação a si mesmo, mas em direção aos outros que estão mais longe do círculo inicial de sua consideração direta, como familiares e amigos próximos. Nas palavras de Jiangxia Yu, “Sem dúvida, a *oikeiōsis* estoica se concentra principalmente nos *kathēkonta*, ‘uma atividade apropriada para constituições que concordam com a natureza’ (Diogenes Laertius 7.107, tr. Long & Sedley, 1987, 59C, p. 360). No entanto, como o que é apropriado para alguém varia de acordo com sua constituição, e uma ação apropriada acabará se tornando uma ação perfeitamente apropriada (*kathēkonta*), no pleno desenvolvimento de *oikeiōsis*”, p. 154. Aqui ligando os conceitos de *oikeiōsis*, *kathēkonta* e *kathēkonta*, dando a ideia, acima descrita, da organicidade do sistema ético estoico e a dificuldade de fazer uma análise de um termo sem considerar a relação com outros.

Sobre o conceito de *proaïresis*, seguindo a dissertação de mestrado sobre *A Ética do Bem-viver em Epicteto*<sup>4</sup>, tomaremos ela como o *eu que age*, ou seja, o *eu* que efetiva atos adequados sociais. Para nós, Epicteto foi o que mais personificou esse agente não-sábio colocando uma noção de *eu* que age<sup>5</sup>. Há, portanto, em Epicteto, uma descrição de quem é esse *eu* e ela está vinculada ao conceito de *proaïresis*<sup>6</sup>. A *proaïresis* está como

<sup>4</sup> Na dissertação de mestrado, o autor da tese aqui apresentada desenvolveu uma visão geral da ética do bem viver em Epicteto centrada no termo *proaïresis*, o qual definiu como *eu moral*. Algumas correções e atualizações deste termo serão apresentadas aqui e uma nova definição será dada, no entanto, a ideia geral de *proaïresis* como um conceito abrangente de um *eu* será reafirmada. Cf. FONTOURA, F. *A Ética do Bem Viver em Epicteto*. Porto Alegre: Fi, 2017.

<sup>5</sup> A. A. Long escreve, “Os *Discursos* de Epicteto, transmitidos por Arriano, contém uma poderosa filosofia do *self*, não sistemática na apresentação, mas completamente clara em sua direção geral”, em LONG, A. A. *Stoic Studies*. Los Angeles, EUA: University of California Press, 1996, p. 265. Para a designação de *self*, destacamos a *proaïresis* em Epicteto.

<sup>6</sup> Este termo foi usado na ética de Aristóteles e muito já se pesquisou sobre essa referência e muito já se escreveu sobre a diferença entre elas. “Estamos agora em posição de ver que o conceito de *proaïresis* de Epicteto está fadado a ser diferente em muitos aspectos daquele de seu predecessor, Aristóteles, embora a declaração de Aristóteles sobre *proaïresis*, ‘tal origem [da ação] é um ser humano (EN 6.2,1139b4–5)’ pode nos lembrar superficialmente da equação de Epicteto de *proaïresis* com o *self*. Acho que para Aristóteles a *proaïresis* é uma decisão política, por exemplo, uma decisão de política alimentar, como ter uma dieta de aves, que é baseada em deliberação prévia sobre como alcançar o que importa na vida, por exemplo, saúde. A deliberação para antes da ação quando chega a um curso de ação que pode ser realizado através de nós mesmos (EN 3.3, 1112b15–27). E apenas deliberamos sobre coisas que devemos fazer ou não fazer (EN 3.3, 1112a30–1, EE 2.10, 1226a20–30). Não cabe a nós nos tornarmos saudáveis assim, ou comer alimentos leves sem mais deliberação sobre o que é alimento leve. Mas a adoção de uma dieta de aves depende de nós. Nesse ponto, a deliberação para e referimos a fonte de ação à parte principal (*hēgemonikon*) de nós mesmos, EN 3.3, 1113a5–7. Aqui, a palavra de Aristóteles já nos traz em mente o termo estoico posterior para o que toma decisões, *hēgemonikon*, o centro de comando. O fato de a decisão política ser tomada antes da ação fica mais claro quando Aristóteles aponta que algumas pessoas não mantêm (EN 7.10, 1152a17–19) sua deliberação, e ele está se referindo à deliberação envolvida na *proaïresis*. Acho que é por isso que o prefixo *pro* é apropriado para a *proaïresis* de Aristóteles: a decisão política é tomada antes da ação sobre o que é comida leve. [...] Mas o ponto de Epicteto é diferente em mais de um aspecto. Ele está dizendo que ninguém mais pode forçar você a fazer uma escolha, *proaïresis*. Aristóteles é menos decidido sobre a ação (não a escolha) devido à compulsão. Em EE 2.8 e EN 5.8, [...] ele pensa, em contraste com a visão de Epicteto sobre a escolha, que tal ação não é voluntária. Na EN 3.1, 1109b35–1110a26, ele decide que é voluntário, mas pode merecer perdão. Por outro lado, a própria visão de Epicteto de escolha, *proaïresis*, é qualificada. Ele diz que é apenas por natureza que essa *proaïresis* é livre, 1.17.21; 2.2.3; 2.15.1 (a qualificação é omitida em 1.17.23). E, consequentemente, como Michael Frede apontou para mim, ele acrescenta que você pode precisar tornar sua *proaïresis* livre. Você deve aprender a limitar suas escolhas, *proaïresis*, ao que depende de você, em um sentido muito mais forte do que o imaginado por Aristóteles. Epicteto não teria considerado que uma dieta de aves dependesse de você. O açougueiro pode não ter nenhum, ou o tirano pode negar-lhe qualquer comida. Nesses exercícios, ele diz a seus alunos para desconsiderar a morte, a grandeza do consulado, a conduta de outras pessoas, a ameaça de deserção ou a condenação de César. Todas essas coisas dependem de outras pessoas. Os exemplos aqui do que depende de você e, portanto, um objeto de escolha adequado, *proaïretikon*, são apenas se você está angustiado ou suporta as coisas nobremente”, SORABJI, R. *Epictetus on proaïresis and Self*. pp. 87-98, in MASON, A. S.; SCALTSAS, T. *The Philosophy of Epictetus*. New York: Oxford University Press, 2007, p. 91-92. Mas a palavra foi posteriormente sequestrada pelo estoico Epicteto por um conceito muito diferente, algo como um conceito de vontade, exceto que é mais intelectual do que isso, uma disposição da razão para fazer algumas escolhas em vez de outras. Sua *proaïresis* é aquilo que outras pessoas não podem controlar e, se você se identificar com a *proaïresis* corretamente direcionada, elas não poderão controlá-lo. A ideia de Epicteto de que ele é sua *proaïresis* e de que o tirano pode violar apenas seu corpo, não a você mesmo, não deve ser assimilada à ideia de Aristóteles, EN 6.2, 1139b5, de que a *proaïresis* é a fonte das políticas de um homem, é o homem, e que (FA 8.13, 1163a22-3), a *proaïresis* determina o caráter.

um poder presente no interior mesmo dessas funções superiores do indivíduo – desejo, escolha, assentimento, representação, juízos -, às quais, assim, as dirige<sup>7</sup>. Por isso ela é o centro de referência da *personalidade moral* a qual toma posição frente à realidade<sup>8</sup>.

Nas considerações finais mostramos que a integralização desses dois conceitos éticos no estoicismo dá conta de mostrar uma ética do aperfeiçoamento individual em direção ao comprometimento social e que essa perspectiva da ética estoica pode ajudar a pensarmos uma sociedade mais coesa eticamente. Charles Taylor escreve,

O perigo não é o controle despótico real, mas a fragmentação - isto é, um povo cada vez menos capaz de formar um propósito comum e executá-lo. A fragmentação surge quando as pessoas passam a se ver cada vez mais atomisticamente, em outras palavras, como cada vez menos ligadas aos seus concidadãos em projetos e lealdades comuns. Eles podem de fato se sentir ligados em projetos comuns com alguns outros, mas estes vêm mais a ser agrupamentos parciais do que toda a sociedade: por exemplo, uma comunidade local, uma minoria étnica, os adeptos de alguma religião ou ideologia, os promotores de algum interesse<sup>9</sup>.

Essa maneira de ver o indivíduo, como fragmentado à sociedade, dificulta a apropriação<sup>10</sup> deste a qualquer coisa que não seja de proveito ou conveniência a ele mesmo e a seus valores diretos. Encara o mundo e os outros que estão fora de seu âmbito apenas como instrumentos para seu fim particular ou de seu pequeno grupo. E qual é o problema disso? Não há coesão social abrangente. É este o resultado da integralização dos *kathēkonta* com a ética da *proaïresis*, uma forma de coesão social a partir do aperfeiçoamento moral de um indivíduo socialmente implicado e comprometido. Pensamos que nossa tese sobre a ética estoica nos convida a pensar uma

---

Frequentemente, Epicteto pensa na *proaïresis* como algo bom, que faz as escolhas certas.” – SORABJI, R. *The Philosophy of the Comentators, 200-600 AD: a sourcebook. Vol 1. Psychology (with Ethics and Religion)*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 2019, p. 314.

<sup>7</sup> VOELKE, A-J. *L’Idée de Volonté dans le Stoïcisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973, p. 152.

<sup>8</sup> Essa tomada de posição frente à realidade se dá através do correto uso das *phantasiai*, umas das funções/atividades/potências da *proaïresis*. E, através dela, os julgamentos (*dogmata*) sobre os quais assentiremos ou não.

<sup>9</sup> TAYLOR, C. *The Ethics of Authenticity*. Massachusetts: Harvard University Press, 2003, p. 112-13.

<sup>10</sup> O termo estoico para apropriação é *oikeiōsis* e este vale também para a apropriação não somente de sua natureza específica ao entorno do qual nasce, cresce e se desenvolve, i.é., a *prōton oikeion*, mas como conceito simpatético e cosmopolita como nos círculos concêntricos de Hiéocles no seu tratado *Sobre Atos Adequados*. O desdobramento a ser efetivado racionalmente pela *prōton oikeion* é a apropriação daquilo que está além da estima e valor natural e próximo ao indivíduo e estender essa estima e valor para apropriar-se daquilo que, à primeira impressão, não está dentro do seu âmbito de interesse, valor e estima. É a velha questão do comportamento desleixado daquilo que é público em favor daquilo que é privado, sendo este último considerado mais seu do que o que é de outros também.

ética unificada abrangente entre papéis sociais e indivíduo moralmente autônomo em seu aperfeiçoamento moral.